

# Uma mistura de Brasil

Matheus Barbosa



Biblioteca Raul V. Seixas – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA - Salvador/BA.

B238m Barbosa, Matheus

Uma mistura de Brasil / Matheus Barbosa. Salvador, 2022.  
39 f. ; 30 cm.

1.História do Brasil. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. II. Título.

CDU 2 ed. 94(81)

## SUMÁRIO

0 – Apresentação	3
<b>Parte 1</b>	
I – O primeiro contato (os opostos não se atraem)	4
II – As capitâneas	8
III – O governo geral	10
IV – São Salvador	12
V – A estrutura social	15
<b>Parte 2</b>	
I – Conto da Sinhá e da serva	17
II – A síndrome de Leôncio	19
III – Ser indígena	21
IV – Conto do escravizado africano	23
V – Conto do capitão do mato	27
<b>Parte 3</b>	
I – As punições (Atos 1, 2, 3 e 4)	29
<b>Parte 4</b>	
I – Do escravizado trabalhador ao trabalhador escravizado	36
II – Uma visão de futuro para nós	37
Referências	39



## Apresentação

Esse livro, em formato de *ebook*, tem a missão de trabalhar e metaforizar a história do Brasil com estórias, contos e personagens inspirados em narrativas de séculos atrás, com o intuito de compreender um pouco mais o imaginário brasileiro.

O texto está estruturado em quatro partes para uma melhor localização do(a) leitor(a). A primeira parte aborda elementos ligados ao contato do europeu com os autóctones das terras que vieram pertencer à América Portuguesa, mais tarde batizadas de Brasil. A segunda parte traz algumas categorias presentes no imaginário e personificadas nos sujeitos históricos que fazem parte da consciência coletiva do povo brasileiro, a exemplo a Sinhá, o Senhor de engenho, os escravizados (indígenas e africanos) e o capitão do mato.

A terceira parte aborda, de maneira metaforizada e emblemática, micro-histórias que relatam as punições e a relação de poder e castigo que pesavam sobre os escravizados. Os contos são baseados em personagens reais, mas com a liberdade criativa pela metaforização para transmitir a mensagem mais estilizada.

Por fim, a quarta e última parte estabelece uma conversa que nos permita conectar o lugar de atuação e de herança do escravo/trabalhador colonial com o “trabalhador/escravo” contemporâneo. Esse diálogo tem como objetivo de apresentar um pensamento crítico sobre tais relações e apontar como as estruturas estão em um constante movimento de conservação, sobretudo os processos de dominação que se impõe para quem tem no seu trabalho o cerne da produção da própria vida.



## PARTE 1

### I – O primeiro contato (os opostos não se atraem)



<https://br.pinterest.com/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

Povos opostos literalmente não se atraem. Portugueses, indígenas e africanos, uma mistura de pura grosseria, doçura, selvageria, barbárie, amistosidade, animosidade, divergências estruturais e todo sabor de caldo que essa mistura louca pode dar. Prestou? “Muito bem, não prestado”, reinou, como sempre, a sobreposição de uns sobre os outros. Dividir o mesmo espaço com o diferente, muitas vezes acontece sob o mecanismo da dominação, que tem quase sempre o mesmo destino: exploração e subjugação de muitos.

Se você, leitor(a) – contém ironia pesada –, perguntar ao ser do reino da ignorância que reside nesta pessoa que vos escreve, o que o senso comum nos ensina sobre quem eram os portugueses, indígenas e africanos? Eu vou te responder na seguinte ordem, como um pão quentinho, em fileiras, que saem do forno da minha cabeça: portugueses – pessoas brancas fedorentas, cheias de pelos, comedoras de ratos e madeiras apodrecidas das próprias naus, mal educados, sem saber ao certo o porquê daquela infante aventura no mar, com medo de monstros marinhos inexistentes; ou pior, conduzidos pela vontade de um rei gordo e preguiçoso, sentado em um trono, falando e cuspiendo, ou cuspiendo e falando, em nome de um ideal que

poderia se confundir com “deus, ouro e conquistas”. Indígenas – uma galera “good vibes”, ou não tão “good” assim, nua, dividindo tudo, vivendo para comer e comendo para viver, tomando banho de rio, se enfeitando com tinta e guerreando de vez em quando com os vizinhos. Os africanos – coitados, foram tomados de assalto pelos brancos malvados, fraquinhos, foram jogados à força em um navio negreiro e já acordaram aqui, com “a carteira de trabalho” na mão e a enxada na outra.

É, eu sei, é uma visão retrógada, não reproduza isso em hipótese alguma. Foi quase um teste o parágrafo anterior, afinal nenhum povo é de todo bom ou de todo mau. Generalizar é um passo perigoso, pois pode criar estereótipos acerca de um povo, um grupo ou de pessoas. Conceitualizar/verbalizar sem estudo prévio é pré-conceito e a reprodução do pré-conceito nos torna dependentes de um ciclo vicioso de discriminação desumana. Os portugueses que chegaram aqui em 1500, não representam cada indivíduo residente em Portugal da época, tampouco os indígenas e africanos se constituem como um só povo... Há, não obstante, algum consenso na criação de um imaginário que se construiu ao longo de séculos.



<https://br.pinterest.com/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

Quando os primeiros “barquinhos”, vulgo naus, saíram do território português rumo ao oceano atlântico procurando as índias (na procura de condimentos, temperos etc.), não tinham a noção de que iriam se deparar com uma futura colônia, em um novo continente. Mas, não sejamos ingênuos, afinal o Tratado de Tordesilhas de 1494

já indicava a divisão das possessões portuguesas e espanholas, repartindo o mundo todo, por meio da bula papal de Alexandre VI, como se fosse um pão cortado ao meio, que por sinal, como diria Platão, “só existiu no mundo das ideias”, porque, no mundo real, Portugal perdia mais navios do que achava terras a cada expedição. Era um empreendimento muito perigoso e custoso demais para se aventurar em qualquer lugar.

O foco da expansão ultramarina – vamos chamar de corrida desesperada para salvar o recém Estado nacional criado – tinha como finalidade encontrar ouro. Eles tinham a coragem e a ousadia, movidos por um grito de socorro. Ao chegar nas terras tupiniquins, Cabralzinho e sua tropinha repararam logo na madeira, muita madeira... Tantas árvores não passaram despercebidas por Pero Vaz e seus registros. Aliás, em tais registros, ele fez questão de destacar as genitais do pessoal. Isso é a primeira coisa que qualquer jovem vai lembrar da carta, inclusive, se me permitem escrever sem hipocrisia, quase uma nova versão do Boca do Inferno, seu Gregório, que enfim, acabou por reduzir os nativos a uma perspectiva sexualizada e personificada do novo Éden. Por um prisma, eles eram tidos como cheios de “inocência”, por outro lado eram devassos que andavam nus.

Antes de falar dos africanos vamos deixar o seguinte registro: se não fossem as doenças, a história do Brasil seria bem diferente. Nem se toda a população de Portugal viesse em peso para a América Portuguesa eles conquistariam e subjugariam os seres humanos daqui ao longo dos séculos.

Vamos aos africanos? Longa história, muitas etnias, configurações de sociedades diferentes umas das outras, mas, assim como as doenças foram centrais no extermínio de muitas etnias indígenas, a ganância das elites africanas foi essencial para fazer o perverso tráfico negreiro acontecer, e, conseqüentemente, a trágica história da escravidão no Brasil. Nunca antes uma minoria (nesse caso, os europeus), se uniu desse modo, para instaurar um modelo de produção escravocrata em um continente tão vasto, como a América.

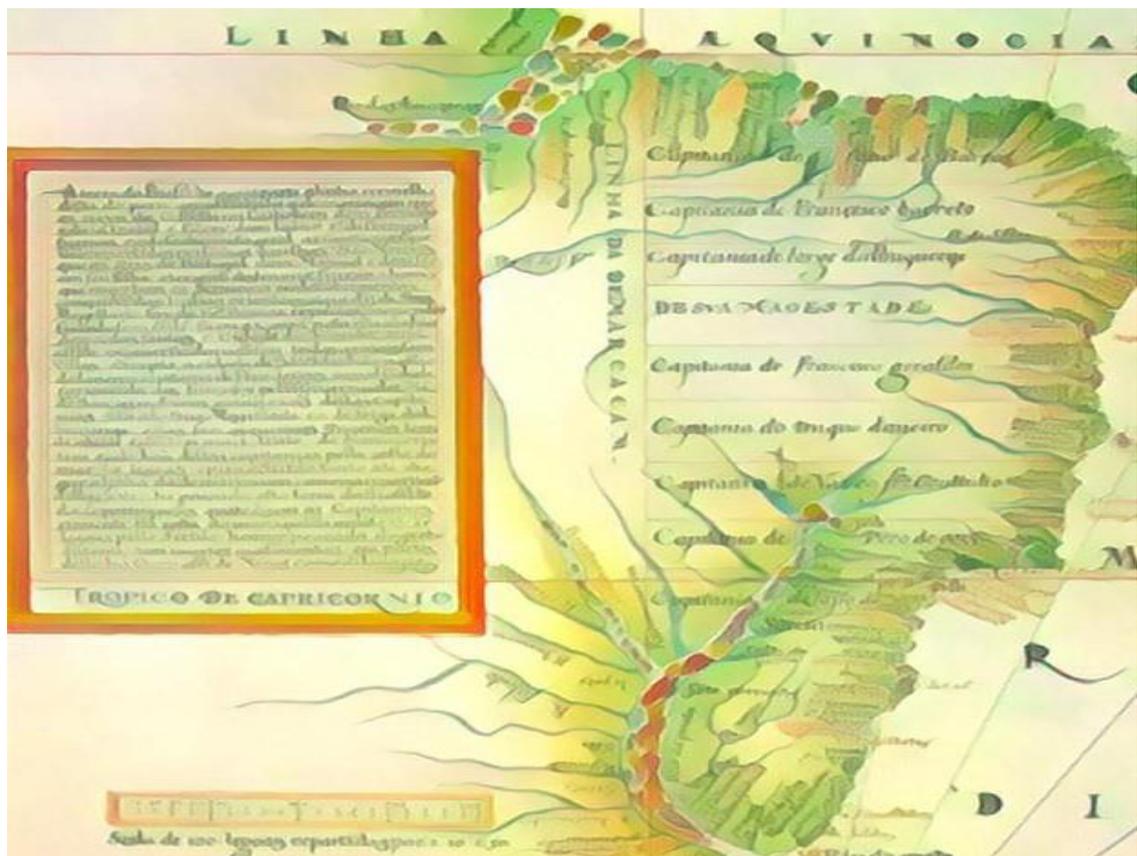
Os africanos, de várias etnias, uma vez trazidos para cá, desembarcavam nessas terras como um projeto de coisificação humana, que os transformava em simples mercadoria... “Quebrava-se o espírito” de homens e mulheres que não

possuíam mais nem mesmo seus nomes, apenas funções e sua “condenação” ao trabalho braçal.

O povo que veio a se tornar “brasileiro” e que instituiu as bases da América Portuguesa no século XVI, instigou conflitos e tensões advindos das interações entre diversos povos. Separados por três continentes, unidos por um oceano, conectados por latifúndios e pela ganância do ser humano – que podemos colocar em grande parte na conta dos portugueses –, eles guerrearam e se destruíram mais do que tudo e, de forma controversa ou não, deram a largada à existência do que veio a ser o “Brasil”.



## II – As capitanias



<https://br.pinterest.com/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

As capitanias hereditárias são o marco “regulatório” do que conhecemos como colonização na América Portuguesa. Antes disso, entre 1500 e 1532, considerado, na historiografia oficial, como período pré-colonial, há exercícios e testes marcados pela melancolia de não ter encontrado ouro e de ter que lidar com um monte de “selvagens”, aos olhos dos portugueses.

Imagine um cenário de desesperança, na nação portuguesa. Ela passou por momentos de instabilidade desde a formação do iniciante Estado nacional. Foi um grande desafio para a recente nação agradar a crescente burguesia, manter o controle da fúria castelhana – seus vizinhos –, alimentar uma população pobre e administrar a manutenção da descentralização de uma nobreza sanguessuga. Tudo isso acontecendo ao mesmo tempo em que as naus enfrentavam dificuldades comerciais e logísticas no Mediterrâneo e no além mar.

Imagina um cenário de um rei, em uma nação pobre, cheio de analfabetos, nobres preguiçosos que viviam às custas da grande maioria da população, em um território composto em sua metade por pedras inférteis, tendo na outra metade pouco cultivo... E aí meus caros, o que o rei fez? Rabiscou o que se acreditava ter de terras por aqui, dividiu-a em quinze pedaços e mandou uns cabras pra lá, para garantirem o direito de colonizar.



### III – O Governo-Geral



<https://br.pinterest.com/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

O Governo-Geral, de “geral”, não tem nada, porque foi muito mais local do que qualquer outra coisa, o nome em si já nos incita ao erro. Veja bem, chega aqui Tomé de Sousa e sua galera, para organizar um assentamento precário, cercado por nativos animosos, longe da proteção de sua real alteza, que, de alteza, ali não apitava quase nada. Em uma terra com mais vegetação do que gente, nos moldes anacrônicos de hoje (me perdoem os historiadores que odeiam o anacronismo): Tomezinho estava mais para síndico de bairro, do que para governador-geral do Brasil.

Oficialmente, 1549 é um marco regulatório, mais uma tentativa de Portugal administrar a América Portuguesa. A intenção era centralizar o que, há poucos anos, eles tinham projetado de forma descentralizada, porque as capitanias vieram no formato de pizza, cada parte com seu sabor e com seu reizinho diferente. Ora, os livros didáticos mais antigos nos ensinam que só duas capitanias deram certo – Pernambuco e São Vicente –, enquanto as outras foram jogadas ao fracasso, ao passo que era preciso substituir tal modelo.

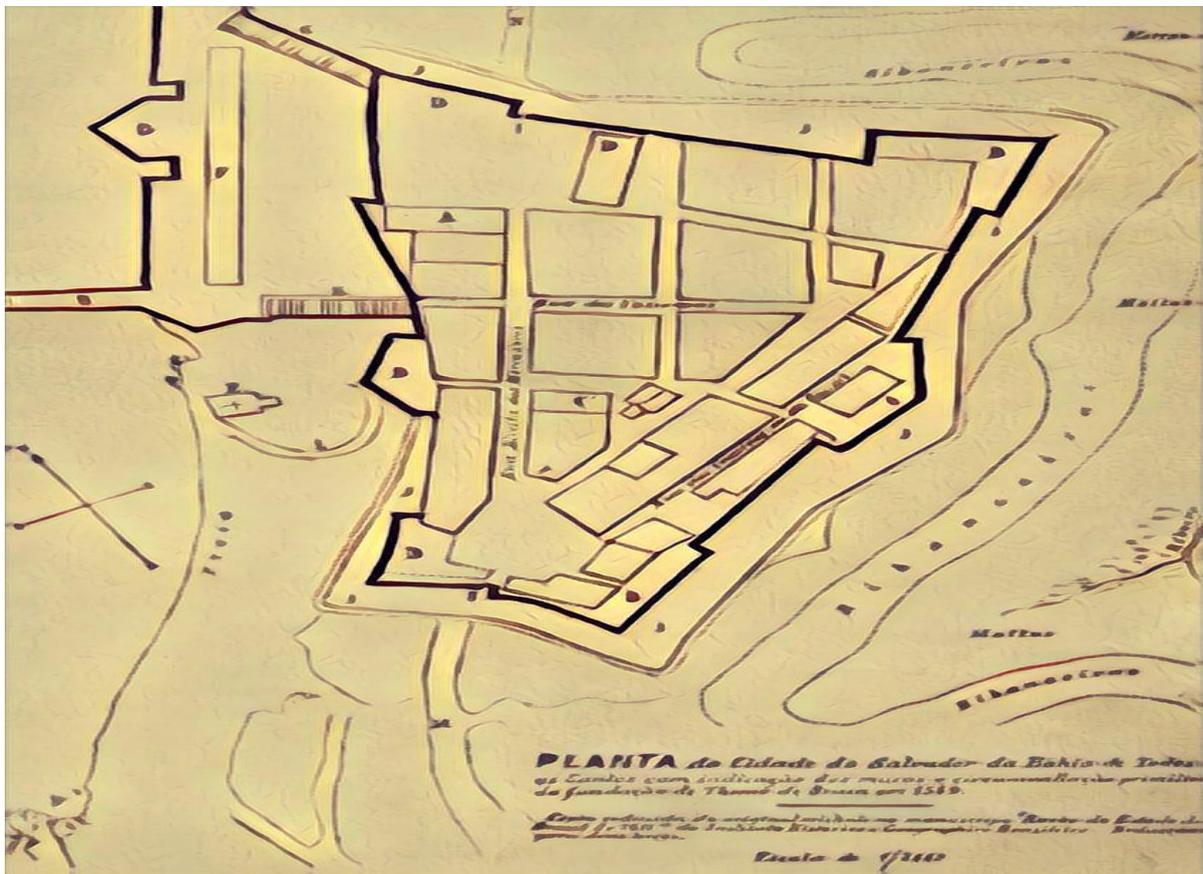
A verdade é que as capitanias continuaram coexistindo com o governo geral, em um sistema de administração duplo, ou melhor, de desorganização. A América

Portuguesa não se fez nação brasileira por causa de alguns funcionários da coroa, nem tampouco em uma segunda Lisboa. Aqui a história era outra, existiam outras pessoas, costumes diferentes e, sobretudo, muitas dificuldades de homogeneizar qualquer tentativa de domínio sobre as novas terras.

As sesmarias, doações, latifúndios, engenhos... Tudo isso quem “pariu” foi esse sistema de capitanias, legitimado pelos ditos “governos-gerais”. Sem esse controle crescente, acompanhado pelas bases das capitanias, não seria possível produzir senhores de engenho. Porém, engana-se quem acredita que estamos falando do Brasil inteiro, é importante lembrar que o poder era muito mais local, ao invés de geral.



## IV - São Salvador



<https://br.pinterest.com/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

Vamos falar de São Salvador, dessa maneira estilizada, “são” de santidade, Salvador de Jesus, o salvador cristão. O nome dela é: “cidade do Salvador”, a cidade de Jesus, que, segundo o livro sagrado da bíblia, representa um ente de paz, do amor e da esperança. Mas, não é bem assim que a cidade do Salvador se apresentou para os muitos residentes dela, a começar pela dor, pelo sofrimento e pela escravidão, elementos presentes nessas terras desde a sua fundação.

– Oi, sou Tomé, vim de Portugal, para fundar a capital do arraial.

– Oi, seu Tomé, sou nativo da terra e aqui você não afunda nem a pau.

– Mas não falei em afundar, veja bem, eu vos quero levantar, salvar-vos do reino da preguiça, da nudez e da selvageria.

– O que é preguiça? Nudez? Selvageria? O que são estas coisas que queres nos presentear?

– Presentear? Acredito que possa ter entendido errado, deve ser a inocência, pasmo estou, mal sabes no que erra (...) gentio.

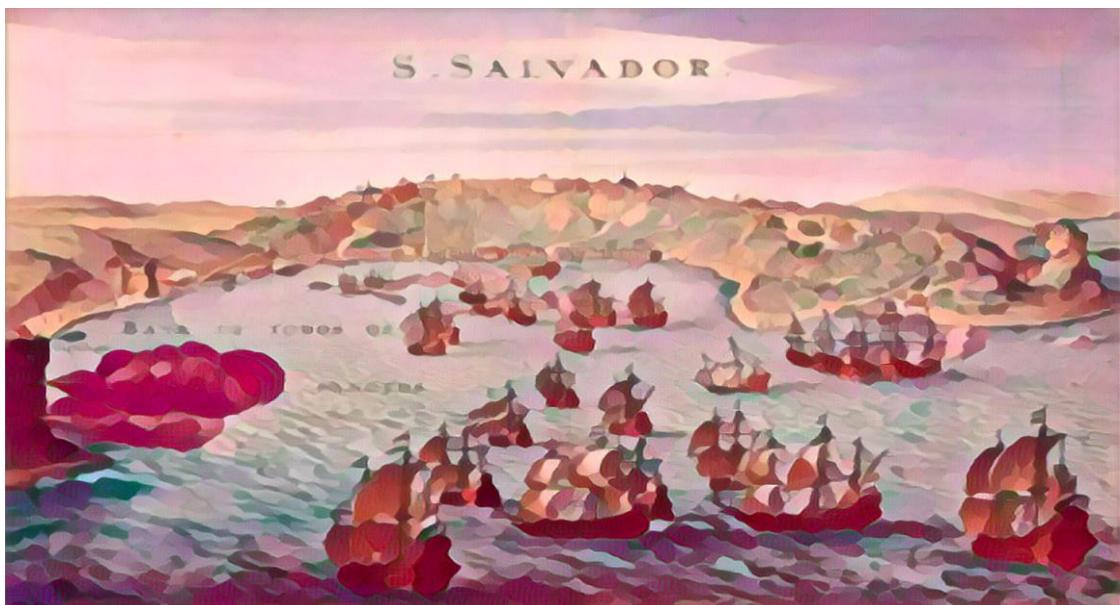
– Isso mesmo, seu Tomé, essa sua língua estranha... Somos gente, muita gente, como tu, como os padres, e até mesmo com esse teu Jesus.

– Olha só, já aprendeu a falar Jesus, doce criança, certamente a salvação te alcançará.

– Isso eu entendi, mas não entendi, do que precisamos ser salvos?

– Pra vossa sorte lutaremos, em seu favor, contra o “inimigo” do Salvador, já não habitará mais essas terras.

– Huum, até vocês chegarem não pensávamos que tínhamos inimigos, nem conhecíamos tal palavra, que coisas boas sua “salvação” nos trouxe?!



<https://br.pinterest.com/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

Ao refletir sobre esse diálogo ficam as questões: o que e quem foi salvo? A nova cidade do "Salvador", era pra salvar quem? O que chegou com os portugueses

foi a possibilidade de salvação do seu “império”, enquanto, para muitos seres humanos, foi a destruição das suas almas e corpos.

*São Salvador, Bahia de São Salvador*

*A terra de Nosso Senhor*

*Pedaço de terra que é meu*

*São Salvador, Bahia de São Salvador*

*A terra do branco mulato*

*A terra do preto doutor*

*São Salvador, Bahia de São Salvador*

*A terra do Nosso Senhor*

*Do Nosso Senhor do Bonfim*

*Oh Bahia, Bahia cidade de São Salvador*

*Bahia oh, Bahia, Bahia cidade de São Salvador”*

*(São Salvador, de Dorival Caymmi)*







<https://br.pinterest.com/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

Sociedades com funções altamente marcadas, bem definidas, mantêm, em sua vivência histórica, laços mais coesos em relação ao andamento da vida. O exemplo do Brasil, nos faz observar essas relações sobretudo nos séculos XVI e XVII, em que o escravo da senzala, o doméstico e de ganho, tem suas funções bem definidas... Se os “pés”, a base da estrutura social, é a escravidão, ou melhor, os pés, os braços, as mãos, quase tudo, daremos um foco maior no olhar para este ser que foi escravizado do outro lado do Atlântico, por conterrâneos continentais.

Não podemos nos enganar, é preciso desconstruir a imagem de que os africanos faziam parte de uma unidade social que cooperavam para o bem de todos os que moram na África. Ao contrário, é necessário ter em mente que são distintos povos, que conflitavam a todo momento em um continente recheado de diversidade étnica e tensões.

A marca da condição da escravidão no Brasil foi a cor, não há dúvidas, mas esse não era necessariamente o critério na África. Guerras, dívidas, sequestros, trocas comerciais são algumas das variantes que alimentaram o início do tráfico negroiro até o transporte e a institucionalização da escravidão na América Portuguesa.

## PARTE 2

### I - O conto da Sinhá e da serva

Você já leu ou assistiu à “The Handmaid’s Tale”? É um romance de 1985 da autora canadense Margaret Atwood que serve de base para a série muito famosa nos EUA e Brasil (Conto da Aia ou O Conto da Serva, em uma espécie de tradução livre do seu título original), recomendo que assista. Com foco atencioso no papel da mulher, em uma sociedade patriarcal, tomada por valores religiosos fundamentalistas, a personagem principal resiste de todas as maneiras para se libertar da opressão e quebrar a bolha do sistema, a fim de cruzar a fronteira do que um dia já foi os EUA e entrar no Canadá, local onde ainda permanecia o regime da democracia.

Não quero a título de comparação, colocar a Sinhá do Brasil colonial em pé de igualdade com a situação das mulheres da série, mas é interessante prestar atenção que há elementos de organização do poder em relação às mulheres que se reproduzem em toda e qualquer sociedade patriarcal. O patriarcalismo é uma categoria de dominação que tenta sufocar em todas as instâncias o gênero oposto.

É uma missão difícil falar sobre o lugar da mulher sendo homem, mesmo que isso implique estudo e pesquisa. O lugar de fala, de ser e de existir é muito mais legítimo e real quando se é proferido do próprio lugar do sujeito que emite a sentença. Por isso, é importante que, como autor, eu registre esse sentimento.

Voltemos ao nosso “conto”, The Handmaid’s Tale mostra mulheres que são férteis sendo capturadas para servir como procriadoras para os casais da “casa grande”. As esposas iniciam as servas em um ritual de estupro, fundamentado em trechos bíblicos do antigo testamento. Depois que as servas dão à luz mudam-se de casa para repetir o ciclo exploratório em outros lugares. Bom, o que isso tem a ver com a tradicional Sinhá e os papéis atribuídos às pessoas do engenho? As esposas da série são coparticipantes das atrocidades cometidas pelos maridos, ao mesmo tempo que contraditoriamente são vítimas, não têm escolhas e, a qualquer sinal de desobediência, são punidas severamente. As sinhás da casa grande tinham sua participação na manutenção da ordem na propriedade. Elas eram os pilares da

constituição moral da estrutura familiar, apesar de estarem imersas em uma dominação da qual elas não possuíam controle.

Em que lugar queremos chegar com a metáfora da obra relativa a alguns elementos da vida no engenho? Começamos com a seguinte reflexão, apesar de a Sinhá ocupar um lugar de obediência, tinha seus poucos privilégios em relação a mulher escravizada. A Sinhá estava “presa” em seu castelo, ao mesmo tempo em que era parte importante da manutenção da ordem estabelecida e dos mecanismos de controle no Brasil colônia. Ser uma mulher branca tinha suas vantagens, inclusive em relação ao tempo de trabalho e ao tempo de vida. Até quando tinham filhos quem cuidava eram as escravizadas domésticas, sem contar que, não fazer “nada”, não trabalhar, era motivo de orgulho das mulheres dos senhores de engenho. Seu principal papel era a personificação do pilar da “família ideal brasileira”. Ser Sinhá era também um ponto de ligação entre oprimir e colaborar com a opressão.



## II – A síndrome de Leôncio

O senhor de engenho, de escravos e de terras, era por definição a personificação da dominação imediata do que foi constituído como Brasil colonial. Por que imediata? Porque existia à época, obviamente, outras esferas de domínio, a começar pelo topo dessa hierarquia que era a coroa portuguesa.

O papel social e fundamental dos senhores de engenho é visto como um dos pilares da opressão em um mundo imerso na escravização de homens e mulheres. Como aquele vilão malvadão das telenovelas, a exemplo da Escrava Isaura que personificava em Leôncio o próprio demônio, ou nas mais diversas obras que trazem um ser dotado de autoridade, de aparência pouco amistosa, branco, sempre vestido com trajes pronto para supostamente “trabalhar”, gritar com seu capataz, mandar chicotear seu escravo, fumar um charuto e exercer seu poder de patriarca da família.

Esse ser inóspito e autoritário é a base da construção de qualquer ideia que advogue pela causa da “tradicional família brasileira”, que para alguns, atualmente, é motivo de orgulho, para outros nem tanto, pois significa retrocessos em relação a diversas pauta sociais ligadas as mulheres, aos negros, aos indígenas, aos gays...



<https://br.pinterest.com/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

A figura caricata de um Leôncio obviamente não traduz todos os homens que possuíam latifúndios na configuração senzala e casa grande no Brasil colônia. O livro

de Luiz Mott sobre os acontecimentos na Casa da Torre, dos Garcia d'Ávila, relata uma série de abusos praticados por ele e/ou a mando dele, contra os seus escravos, uma mensagem que nos transmite a perversidade do quão poderia chegar à relação senhor/escravo.

Sabemos também do desprezo aos negros, aliado ao uso da violência legitimada pela ordem social que estava por trás do senhor de engenho. Sabemos dos estupros praticados contra as mulheres na calada da noite, dos castigos impostos por banalidades ou por qualquer coisa que pudesse irritá-lo na relação com seus escravos.

Outro aspecto importantíssimo, no papel do senhor de engenho era, sobretudo, sua atuação para a não mobilidade social da vida na colônia. Seja por acomodação ou por vício, derivado do conservadorismo português, o opressor não estava disposto a “descer” do cavalo e andar no meio dos mortais. Dessa forma, ele se apresentava como o elo entre Portugal e a manutenção da estagnação e exploração da vida no Brasil.

Essa configuração transcende séculos, porque o que chamamos de oligarquias no Império e início da República, escoou em famílias que concentram riqueza no Brasil de hoje. Essa situação permanece tendo em vista que, no país, nunca se colocou efetivamente a pauta da reforma agrária e social como modos de se combater as injustiças materiais derivadas das desigualdades. Portanto, há uma série de problemas que sobrevivem na presente estrutura social do Brasil, em diversas esferas da vida, que remontam ao tempo das colônias.

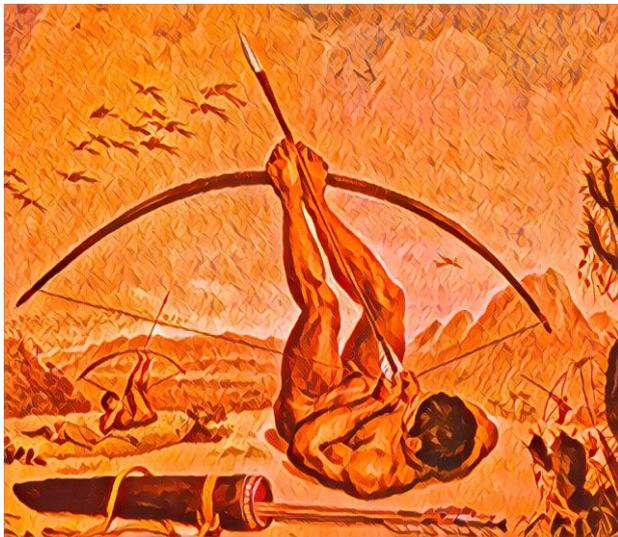


### III - Ser indígena

O indígena brasileiro do século XVI jamais poderia imaginar que em poucos anos de invasão europeia suas vidas mudariam tanto, da liberdade à escravidão e, logo em seguida, a quase extinção total.

“Indígena” é um termo absolutamente genérico utilizado para englobar milhares de povos e culturas diferentes que existiram e existem ao longo do território da América Portuguesa. Aliás, marcar os aliados como “Tupis” e todos os que não são como “Tapuias”, foi uma fronteira criada como estratégia de dominação dos portugueses para obter êxito no controle do território. Porém, a primeira coisa que devemos desconstruir é a falsa homogeneidade atribuída a esses povos, que inclusive conflitavam e travavam guerras entre si.

Outra coisa importante é a falsa ideia de “inocência” descrita na carta de Pero Vaz de Caminha. É importante lembrar que fomos treinados para olhar para o indígena pela ótica da historiografia europeia, ou seja, sem ter consciência desses vícios ficaremos presos a narrativas eurocêntricas. Os livros de histórias não costumam trazer a ótica dos nativos em relação aos invasores.



<https://br.pinterest.com/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

O que aniquilou os ameríndios, tanto da América Espanhola quanto na Portuguesa, não foram apenas os conflitos diretos, mas também as doenças. Um

inimigo invisível com o qual eles não poderiam lutar, tampouco sobreviver. Essa situação é diferente do contexto atual, em que os povos indígenas remanescentes travam outras lutas e conflitos, entre elas: as atividades predatórias de grileiros, os garimpos ilegais em seus territórios, os mercadores do desmatamento, os grupos que não respeitam as demarcações e, às vezes, até mesmo a força do Estado.

Ser indígena no Brasil foi e continua sendo, desde 1500, um processo de luta contínua pela vida. Há expropriação e retirada das suas terras, desrespeito contra sua cultura e violência contra a sua vida. A perversidade e a falta de solidariedade dos “civilizados” age como *modus operandi* impulsionador da barbárie e da falta de humanidade.



## IV - Conto do escravizado africano



<https://br.pinterest.com/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

*Eu me chamo Daomé, sim, como o reino do qual vocês já ouviram falar nos livros de história. Isso aponta o quão guerreiro era a sina do meu povo e de muitos povos do continente que os brancos tentaram denominar “África Negra”.*

*Eu nasci em 1576, como dizem os portugueses: o ano do “nosso Senhor”. Fui capturado com 24 anos em uma guerra próxima da costa dos escravos e levado aos portões do não retorno, onde fui “batizado” e a mim foi imposto um novo nome: João, um nome cristão. Nome estranho que despertava os piores sentimentos em relação à religião dos brancos. Foi tudo muito rápido, a captura, o trajeto, o batismo e a embarcação, até uma terra inimaginável para mim e para meu povo.*

*Deixei para trás mulher, filhos e muitos irmãos de sangue e de alma, alguns mortos, outros vivos, outros fugidos, outros escravizados, assim como eu, amarrado como bicho raivoso. Passei muitos dias sem me banhar, sem comer direito, sem beber água a maior parte do dia, sem me movimentar, dentro de um lugar escuro, como um porão, cheio de insetos, ratos e muitos outros irmão próximos e distantes, todos com o mesmo destino.*

*Quando fui retirado do dito calabouço, acho que se passaram uns dois pores do sol, porque quando abri os olhos tive dificuldade de enxergar a praia e as embarcações portuguesas paradas no cais. Em seguida, veio em minha direção um homem cuja aparência me parecia asquerosa, com muitos pelos, estatura pequena, panos sujos sobre a pele, com calças e botas encharcadas de lama. Ele, quando se aproximou de mim, disse alguma coisa que não entendi, até que veio outro homem, parecia até um guerreiro da terra, falando em traduzir o que o homem branco falava, e assim dizia:*

*– Escute escravo, o homem branco manda te dizer que há uma refeição te esperando, você deve beber e comer tudo, vão desamarrar suas mãos, mas se tentar fugir será castigado, você não pertence mais a você mesmo. Logo, logo encontrará seu dono, que há de te comprar e te levar para outra terra. Um sacerdote dos brancos virá ao seu encontro e te dará um novo nome. Um ritual do qual eles chamam de batismo, você conhecerá seu novo Deus e a ele, o seu Senhor, prestarás obediência eterna.*

Antes que eu abrisse a boca para questionar o que o homem falava, ele me advertiu com um olhar e palavras fulminantes...

– Um conselho: não pergunte, não reclame, não mostre resistência. Essas coisas apenas farão sobrevir em você castigos na pele dos quais não te ajudarão em nada.

*Neste momento, eu percebi que perdi meu direito de falar e de escolher, mas o pior era a sensação de imobilidade, não podia fazer nada, nem mesmo lutar, eu olhava em volta e via muitos como eu, de todos os lados, brancos armados e chefes de tribos da terra negociando outros prisioneiros, só restava sobreviver. A última gota de esperança era estar vivo para um dia reencontrar Ashanti e meus filhos. Nada mais importava.*

*Fui alimentado e levado em seguida para uma espécie de púlpito de madeira, enfileirado com outros na mesma condição. Pediam para olhar nossos dentes, nos apalparam para medir nossa carne e depois conversavam entre si, voltando e direcionando cada escravizado a uma pessoa branca, era o processo de compra. Ao finalizar o processo eles nos subiam a bordo e o sacerdote dos brancos nos esperava para o batismo e para nos dar um novo nome. O tradutor disse a todos nós:*

*– Seus novos nomes foram dados, agora vocês foram libertos de toda a vida que tinha nessas terras, sois cristãos, e a partir de agora o destino de vocês estará esperando em terras que o Deus dos brancos reservou para vocês...*

*Em seguida, um branco apareceu armado, seguido de outros com chicotes, fazendo com que entrássemos no compartimento debaixo do navio, onde aglomerados e inclinados em uma posição nada confortável seguimos viagem.*



<https://br.pinterest.com/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

*Durante o trajeto, sabíamos de duas coisas: a hora de tomar sol, em que os homens desorganizadamente ensaiavam uma pequena limpeza na nau; e a hora de*

comer. Ou também sabíamos quando algum de nós, por algum motivo falecia, pois muitos apresentavam graves enfermidades, que os brancos denominaram escorbuto. Essas pessoas pareciam mortos vivos, outros não aguentavam e se jogavam no mar quando tinham oportunidade, era sobretudo uma jornada de desespero e morte da esperança de um dia recuperar a nossa vida.

Os sobreviventes que pisaram o pé nas praias depois de muitos e muitos dias estavam com o espírito quebrado, muitos só lamentavam, a melancolia era tão grande que se instalou nos ossos, alguns já nem conseguiam caminhar sobre as areias recém descobertas.



<https://br.pinterest.com/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

Eu e mais alguns fomos levados a uma espécie de roça, que eles chamam de fazenda, a partir daí, o meu espírito que sobrevivera com todos esses infortúnios, perdeu o último suspiro de esperança. Me entreguei à nova realidade, abracei a morte ainda em vida, evitei lembrar e sentir tudo que trazia no coração da minha terra mãe...

## V – Conto do capitão do mato



*“Capitão do mato” Ilustração de Johann Moritz Rugendas em viagem ao Rio de Janeiro, 1823.*

*Nasci escravo, minha mãe era africana e meu pai indígena, na fazenda que meus pais trabalhavam era tudo misturado, branco, preto, caboclo e toda sorte de gente pra fazer o negócio do patrão funcionar. Era trabalho de sol a sol, ainda menino já pegava no pesado, igual a gente grande, os brancos faziam corpo mole, ficavam só olhando a gente trabalhar, e de vez em quando apareciam para dar ordens e dar uns cascudos... Vida difícil, resumida em pouca comida, muito trabalho e nenhum descanso.*



Apreendi, além do trabalho duro nos engenhos, o conhecimento legado do meu pai. Sabia tudo do mato, isso ajudou em algumas caçadas de índios rebeldes, que se recusavam aceitar nosso Senhor. Também participei das guerras contra negros fujões e da luta contra animais selvagens que viessem ameaçar os nossos.

*Eu cresci com a promessa de liberdade, em acordo costurado entre meu Pai e o velho Chico, sinhozinho da fazenda. Depois da morte de meu pai, eu assumiria seu lugar, e usaria tudo que ele me ensinara para procurar os negros fujões e impedir que eles se amontoassem nos quilombos. Era a única forma, como contavam meus pais, de um dia ser livre. No momento em que meu pai morreu, ganhei a liberdade, mas a preço muito alto...Fui perdendo a amizade de tudo quanto é negro na fazenda do velho Chico. Era isso ou o destino da senzala, eu não pensei duas vezes!*

*Eu conhecia as trilhas, entendia os rastros nas matas, sabia como pensava os negros, o que falavam em seus códigos e cantos, afinal, nasci com sangue de negro e de índio. Agora estava disposto a usar minhas “artimanhas” em favor dos brancos. No começo, sentia até um remorso, mas os negros se viraram contra mim. Nem na roda deles eu podia chegar mais, então os anos foram passando e eu me tornei aquilo que me prepararam para ser: capitão do mato!*

*Uma mistura de tristeza e raiva, minha mãe, preta velha já de idade, começou a ser tratada diferente por causa de mim e morreu de desgosto. Aí fiquei mais danado. A partir desse dia, não tinha mais volta, comecei até a acreditar que os brancos estavam com razão: “negro da senzala tá sempre pronto para te passar a perna”, então usava tudo isso pra descer o chicote e pegar o maior número de escravos fugidos. Pelo menos, eu tinha o reconhecimento dos brancos.*

*E assim fiquei conhecido, um negro de alma branca! Velho Chico me emprestava para vários senhores da região, quando estes tinham problemas nas fazendas. De vez em quando, até um cafezinho eu tomava com eles. Minha sina se resumiu na inimizade dos negros e na tolerância dos brancos. Essa é a sina do capitão do mato, solitário e sem descansar o lombo.*



## PARTE 3

### I – AS PUNIÇÕES (Atos 1, 2, 3 e 4)

É importante destacar que as estórias contadas nesta seção são baseadas no seguinte artigo: ***Tortura de Escravos e Heresias na Casa da Torre, de Luiz Mott***. Vamos acompanhar contos que relatam processos de castigos e torturas sofridos por alguns seres humanos escravizados no século XVIII, a mando do mestre de campo Garcia D'ávila Pereira de Aragão. Todos os nomes são fictícios, assim como seus contextos, que são postos com base nas informações do referido artigo.



#### Tortura de escravos e heresias na casa da torre

Luiz Mott

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MOTT, L. *Bahia: inquisição e sociedade* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010. 294p. ISBN 978-85-232-0580-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All rights reserved. Este documento está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição- NãoComercial- CompartilharIgual.

#### TORTURA DE ESCRAVOS E HERESIAS NA CASA DA TORRE,

*O jugo e a correia fazem dobrar o pescoço:  
para o mal escravo, tortura e tronco!*

Eclesiastes, 33:27.

O objetivo deste artigo é divulgar um medonho documento conservado até hoje escondido debaixo de sete chaves nos arquivos secretos da Inquisição de Lisboa: trata-se da denúncia das crueldades extremadas e inauditas praticadas contra seus escravos pelo homem mais rico da Bahia, e de todo o Brasil na segunda metade do século XVIII, o Mestre de Campo Garcia d'Ávila Pereira de Aragão. Os requintes de crueldade ali descritos nunca chegariam ao nosso conhecimento, não fosse o zelo humanitário de uma testemunha corajosa que os denunciou ao Tribunal do Santo Ofício. Sem tal testemunho, dificilmente imaginariamos que o sadismo de um senhor de escravos chegasse a tanto.

Não surpreende, pois, que certos esmeros de perversidade se tenham constituído segredo sigilosamente guardado debaixo de sete chaves, tais aqueles preservados e cobiçados receiptários de doces e bolos, bem assim

· 65 ·

## Capítulo 4



A Casa da Torre de Garcia Dávila, Litoral de Tatuapara, Bahia, Século XVI-XVIII, é considerada o único "castelo" rural da América Portuguesa.

- figos
- pimentas malaguetas
- pito de preto
- doce
- vinho

#### IX. Instrumentos de tortura

- anjinhos: "anéis ferro com que se prendiam e apertavam os dedos de escravos e criminosos"
- argolas de ferro: para prender a cabeça ou membros dos escravos, com suas cordas
- cavalo de pau: espécie de cavalete onde se descansavam as selas e arreios das cavalgadas, utilizado como uma espécie de "pau de arara" para chicotear escravos
- chicote de açoitar cavalos: usado para flagelar escravos
- "ferro de pescoço, com duas vergas levantadas, em alto, que teriam mais de palmo e meio, e em cada uma delas uma campainha e uma corrente muito grossa no pé, passando duas voltas pela cintura do escravo, indo a ponta dela atar às campainhas"
- grilhões: para prender os pés
- jibóias: corrente que se atacava na cintura e pescoço do escravo
- palmatória de pau
- "pauzinho do tamanho de um palmo, pouco mais ou menos, com uma ponta" usado para pinicar as escravas
- rabo do peixe arraia: usado como chicote para açoitar escravos
- turquesa grande de sapateiro: usada como objeto de tortura para arrancar mechas de cabelo das escravas

· 93 ·



<https://br.pinterest.com/pin/439171401175435303/> Imagem retirada do banco de dados do Pinterest e posteriormente editada. Novembro de 2022.

– Lázaro, 16 anos, escravo crioulo de meu Senhor.

– O senhor mandou que dois negros me amarrassem sobre um cavalete, suspendendo ao alto meus dois pés com correntes de ferro, enquanto minhas mãos ficavam entrecruzadas nas costas, a fim de que meu cóccix ficasse “duro” e imóvel. Em seguida, mandou me chicotear, até que essa região abrisse uma ferida horizontal funda, para salgar minha carne com sal grosso e urina dos meus castigadores.

– Ao completar essa primeira parte, que durava das 8 às 11 horas do dia, mandou-me amarrar uma corda pelo pulso, com os braços juntos e com ela presa a uma viga do recinto que estávamos... Subiram-me amarrado com cada mão em uma viga de braços abertos. Eu estava com os pés suspensos quando tiraram minha calça e colocaram sobre os meus testículos uma corda amarrada bem forte e apertada, do outro lado da corda, um objeto de ferro que pesava mais ou menos 7 kg.



<https://www.historiadealagoas.com.br/escravidao-em-alagoas-e-os-escravos-castigados.html>

**Imagem retirada de site e posteriormente editada. Novembro de 2022.**

– Em meio aos gritos, meu sofrimento aumentava e, já não bastasse, meterem-me à mão os ditos anjinhos, aqueles anéis de ferro que usavam para apertar os dedos até esmagar. Fiquei mais ou menos 2 horas sofrendo todo esse martírio.



## ATO 2

– **Mauritana, 25 anos, escrava mestiça de meu Senhor.**

– *Fui castigada diversas vezes, qualquer coisa poderia ser motivo para eu tomar uma paulada no rosto, até se, sem querer, eu olhasse na direção do meu senhor. Dentro da casa, só se permitia andar de cabeça abaixada, principalmente na presença de qualquer convidado. Meu rosto andava mais dias da semana inchado do que são, era costume de quando estivesse sarando o senhor me falar:*

– *Viu neguinha, seu rosto é tão desobediente quanto tu, insiste em sair da forma que eu quero que esteja, agradece a mim sua imunda, eu tento consertar ele sempre que posso.*

– *Meus cabelos costumam estar escondidos, com coberturas de panos para que o senhor não implicasse. Se tivesse um fio à solta era motivo de castigo. Até que, um dia, estava eu ajeitando-o e, de surpresa, veio o Senhor e me disse:*

– *O que fazes negra imunda? Já não disse que essa porqueira em cima da tua cabeça não pode ficar à mostra?*

– *Dito isso, em seguida, me puxou pelos meus cabelos e mandou Antônio buscar a turquesa, que servia para os sapatos. Arrancou várias mechas da cabeça em uma violência sem igual, empurrava pra frente e para trás minha cabeça com a turquesa forçada em suas mãos.*

– *Um certo dia, o Senhor mandou colocar em mim uma série de correntes entre os pés e a cintura, além de encaixar um ferro pesado no pescoço, como uma coleira para cães, ordenando que fosse capinar a uns 3 km de distância no pasto, sem comer e sem beber. Ai daquele escravo que tentasse matar minha fome e sede! Era domingo, o sol já estava se pondo, quando retornei por causa da escuridão que já apontava no céu, se enfureceu, meu Senhor, alegando que não cumprira meu trabalho direito, chamando dois outros escravos me atou em uma “cama de vento” para que fosse açoitada. Bastos e Inocência, que cansados de reversar nos açoites foram substituídos por outros dois, Pedro e Gomes, que quando cansados eram novamente trocados pelos dois primeiros. O Senhor assistia a tudo e mesmo vendo o sangue*

*correndo no chão não se satisfez. Além do lombo, meus braços e pernas amarrados ao ar na cama de vento, tremiam de tanta dor.*



<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/6-piores-torturas-e-punicoes-que-os-escravos-sofreram-no-brasil/> Imagem retirada de site e posteriormente editada. Novembro de 2022.

*– Me desataram de um jeito mais perverso ainda, me encheram de pancadas para que eu descesse e batesse com o peito e barriga no chão. Meus braços e pernas não respondiam, além de estarem envoltos com correntes de ferro. Os negros me levantaram e foi mandado que fosse colocada no poço, com ordem de 200 açoites ao dia, sem comer e beber no mesmo pôr do sol: um dia me davam água, no outro comida, nunca os dois juntos.*

*– Após 4 dias passados, me tiraram do poço. Ergueram-me crucificada em duas vigas, com os pés suspensos e um ferro na região do pescoço que estirava meus nervos até perder a fala.*



## ATO 3

– Antônio, 30 anos, escravo mestiço, de meu Senhor.

– Apanhei amarrado na temida “cama de vento”, com o corpo no ar, das dez horas do dia até às quatro da tarde, entravam de dois em dois companheiros e senzalas obrigados a me chicotear. Quando eu desfalecia ou desmaiava, vinha o próprio senhor de campo e me colocava sal com limão nos olhos, a fim de que despertasse para viver o sofrimento completo.

– Ao terminar os açoites, fui colocado em uma argola de ferro posicionado de maneira curvada com os pés e mãos atados pelo “viramundo”, sem que deixasse que qualquer curandeira, irmã de senzala, viesse me dar socorro.

– Já era pelas dez horas da noite, adormeci preso, sem comer e sem beber desde cedo, pela manhã.



<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/6-piores-torturas-e-punicoes-que-os-escravos-sofreram-no-brasil/> Imagem retirada de site e posteriormente editada. Novembro de 2022.

– O dia amanheceu, fui colocado em outra argola de ferro amarrada a duas pontas presas em troncos altos, de modo que minha cara e meu corpo ficassem imóveis.

– No amanhecer, ao cabo de dois dias de sacrilégio, meu senhor, permitiu que eu fosse retirado e cuidado por duas companheiras da senzala, Tereza e Cristina. Por causa dos insetos e do mau cheiro fui retirado das argolas e recebi cuidado nas feridas.

## ATO 4

- Clementino, 41 anos, capataz e empregado do Senhor do campo.

– *Vi a malvadeza com esses olhos que a terra há de comer. O Senhor mandava para seu divertimento, pegar as crianças filhos e filhas das escravizadas, para pervertê-las pela via anal. Ele ordenava que os meninos ficassem com as nádegas arreganhadas para cima, forçando-as com as mãos, para que se abrissem mais as vias. Ascendia a vela e pessoalmente pingava a cera quente no ânus dos pobres coitados, porque se alegrava com a reação de dor causada pelo dito ato perverso.*

– *Certa vez, ele estava sentado no cômodo de sua sala e passou uma negrinha de 3 anos, chamada Isaura, filha de sua cozinheira. Apanhou a pobre pelos cabelos e a declinou no fogareiro da sala, que ele usava para se esquentar nas noites frias. Pressionando a cabeça da menina, vendo se podia aguentar a brasa em pequeno rostinho, enquanto ria, com uma mão ocupada com a pressão na cabeça dela, a outra abanando o fogareiro. Por sorte, sua mãe passou e gritou em desespero: “meu senhor, o que fazes, solta a menina, pelo amor de nosso Senhor”. Ao que ele soltou e rindo disse-lhes: “deixas de exagero Maria, estavas apenas a brincar com essa criatura”.*

– *Estando em outra situação, com a mesma menina, ele pegou um tacho de doce que acabara de sair do fogo e perguntou a menina se ela queria, a pobre respondeu que sim. Então, ele derramou-o nas mãos dela. Depois segurou-a pelo pulso e disse: “não deixe o doce cair no chão, senão sua mandaria será o açoite”. Por fim, obrigou a pobre a ingerir doce quente, aos prantos da dor. Ela ainda teve sua língua queimada e sua voz silenciada por dias, por causa do acontecido.*



## PARTE 4

### I - Do escravizado trabalhador ao trabalhador escravizado

Nos referimos ao trabalho, no período da escravidão, como: trabalho escravo! Sabemos que o trabalho, em sua grande parte, foi realizado por escravizados, forçados a trabalhar, ergueram uma nação baseada em sistema que privilegiou poucos exploradores.

O trabalho, de forma geral, não pertence a um grupo, classe ou qualquer que se aproprie dele, porque trabalhar é uma atividade inerente à vida humana e se confunde com o processo de produção da própria existência. Parafraseando o professor Demerval Saviani, não há vida sem trabalho e não há existência da vida sem produzir! Acontece que existem pessoas que exercem sua função de trabalho como produção da vida à custa de outros. Esses outros, são “os muitos” que doam suas vidas em processos de explorações, personificados no trabalho diário em benefício dos “poucos” exploradores. O trabalho manual associado ao negro, na escravidão, e ao pobre, na continuidade da república, continuou reproduzindo as velhas estruturas travestidas de novas “faces” para o trabalho.

Ainda hoje, tais estruturas são dominantes, principalmente no que concerne ao tempo roubado do trabalhador contemporâneo, que atinge em média entre 40 e 50 horas de trabalho, sem acrescentar o trânsito, deslocamento de ida e vinda do local laboral. Tudo isso por um salário que chega a ser até cinco vezes menor do que o suficiente para a manutenção da sua própria vida. Essas horas “roubadas”, alinhadas à baixa remuneração, tiram, não só as horas de lazer e da apreciação da vida, mas os prendem a um ciclo de eterna dependência.

É retórico afirmar que o trabalhador moderno é um escravo do sistema, não se compara, por exemplo, quando nos referimos ao trabalho análogo à escravidão, são coisas distintas. Mas, mergulhando na superfície do que consideramos o “mundo do trabalho”, existem mecanismos que sugam o tempo de vida do trabalhador comum, no Brasil e em várias partes do mundo.

É comum ouvirmos pessoas falarem, em tom de brincadeira: “a vida é trabalhar para pagar os boletos”. Acontece que por trás do bom humor, há grande verdade em

relação ao estilo de vida dos trabalhadores, uma vida endividada, marcada pela falta de controle das suas finanças. É importante lembrar que as finanças são reduzidas aos “boletos” que têm de ser pagos.

Dito isso, a conclusão é que se perde o sentido ontológico do trabalho, porque trabalhar está reduzido apenas a trabalhar para sobreviver e não viver para, a partir do trabalho, exercer as funções inerentes à vida plena, à autonomia e à coprodução da própria existência humana. Afinal, somos escravos do trabalho?

- *Com 14 anos assinei a carteira, comecei lavando ônibus, descobri a primeira notícia ruim da vida: tinha de trabalhar para sobreviver. Logo depois, descobri que um dia eu ia morrer, já não gostei.*
- *Eu entendi uma coisa da vida, duas certezas: a primeira é que vamos morrer; a segunda, é que vamos viver muitos momentos de tristezas e dificuldades e poucos momentos de alegria. A vida é isso meu filho, poucos momentos de alegria (fala repetida diversas vezes pelo meu pai, motorista de ônibus, trabalhador).*
- *Desse modo, aprendi que temos de aproveitar tudo que é possível aproveitar, porque pode ser que não dê para aproveitar nada, inclusive nem o que trabalhamos para ter.*



## II - Uma visão de futuro para nós

Eu não quero ver o futuro repetir o passado, nem vejo a vida como um “museu” de grandes novidades. Acredito na mudança, porque a mudança representa esperança: sem isso, não há sentido em querer progredir na vida, afinal, o tempo não para, ou melhor, para alguns, até para. É a essa parada no tempo que não podemos ceder nunca, os dias de luta são mais que os dias de glória, mas, enquanto a chama dessa glória existir, nós continuaremos.

Se você é jovem periférico, como eu. Teve ou tem uma infância e adolescência pobres, marcada com escassas oportunidades, bem-vindo ao clube. Esse clube chamado Brasil é o que tem no cardápio do dia, às vezes, dá pra mastigar, às vezes é necessário engolir, mas existe um conselho gratuito e eficientemente, que funciona para vida: estude, estude muito, coloque o verbo “estudar” como central em sua vida.

Não corra em direção contrária a você mesmo. Correr na direção certa é vencer pela leitura, pela informação, pelo debate, pelo diálogo. Não espere pódio de chegada ou beijo de namorada, às vezes, a caminhada é solo mesmo. Nunca se dê como derrotado, mesmo que a derrota venha. Não admita! Role os dados novamente, porque o tempo não pode parar para pessoas como nós, ou melhor, nós não podemos parar no tempo.

Não espere por dias de sim, porque os dias de não já estão garantidos, se vier algo como “caridade”, comemore todos os avanços, todas as datas que representam pequenas conquistas, mesmo que elas sejam como agulhas em um palheiro, difícil de enxergar, mas estará lá, é sua. Nas noites de frio e nos dias de calor, pare para pensar como isso nos torna vivos, com os sentidos aguçados, não reclame! Reivindique nas ocasiões oportunas, mas não reclame! Quando quiserem que você escolha se é matar ou morrer, escolha viver, mesmo que te isolem, te excluam. O que os outros pensam, fala mais sobre eles do que o que te define. O tempo não para!



## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Daniel de. **História geral** / Daniel de Araujo. – São Paulo: Saraiva, 2016. – (Coleção diplomata / coordenador Fabiano Távora).

CIAVATTA, Maria. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memórias e de identidades**. Rio, nov. /2004.

COSTA, Marcos. **A história do Brasil para quem tem pressa** / Marcos Costa. 4.ed. Rio de Janeiro: Valentina, 2019.

GOMES, Laurentino. Escravidão vol.1. **Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Globo livros. Ed – Rio de Janeiro: 2019.

GOMES, Laurentino. Escravidão vol.2. **Da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil**. Editora Globo S/A, capa mole em português, 2021.

NOSELLA, Paolo. **Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores**: para além de uma formação politécnica. Revista brasileira de educação, v12, nº14, abril 2007.

PINSKY, Jaime 1939- **A escravidão no Brasil**/ Jaime Pinsky. – 21. Ed., 4º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019. – (Repensando a história).

PRIORE, Mary del. **Histórias da gente brasileira**: volume I: Colônia/ Mary del priore. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

PRIORE, Mary del. **Histórias da gente brasileira**: volume II: Império/ Mary del priore. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

PRIORE, Mary del. **Histórias da gente brasileira**: volume III: República/ Mary del priore. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

SAVIANI, Demerval. **Trabalho e educação**: fundamentos ontológicos e históricos. Revista brasileira de educação, v12, nº14, abril 2007.

